

Filosofia

Política,

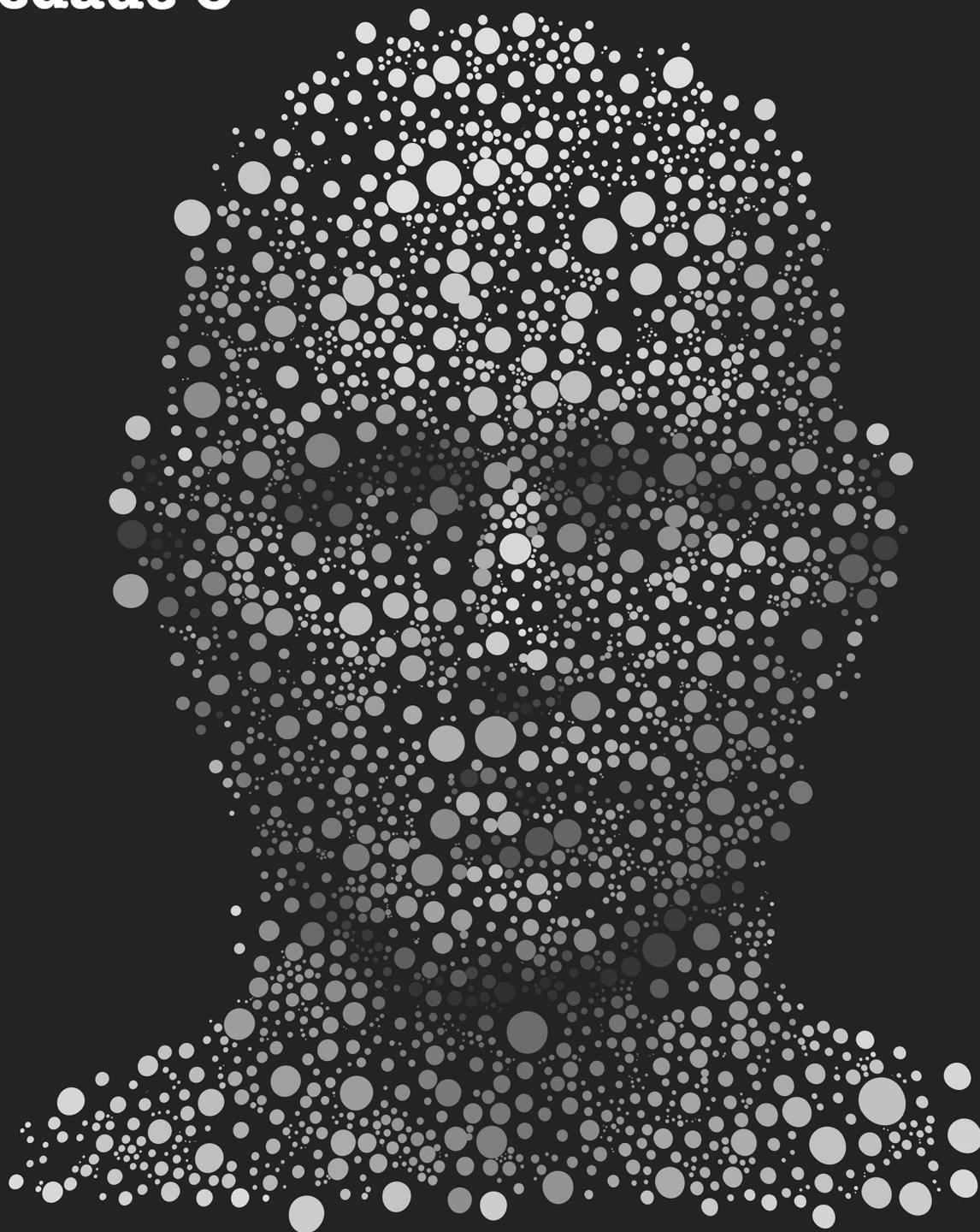
Educação,

Direito e

Sociedade 6

Atena
Editora

Ano 2019



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 6

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 6 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-099-5

DOI 10.22533/at.ed.995190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
AS POLÍTICAS DE FORMAÇÃO CONTINUADA DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPO GRANDE - MS	
Pabliane Lemes Macena Novais Cristiane Portela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9951904021	
CAPÍTULO 2	13
A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A FORMAÇÃO DOCENTE EM GOIÁS	
Kênia Guimarães Furquim Camargo Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida Márcia Campos Moraes Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.9951904022	
CAPÍTULO 3	24
A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NAS PESQUISAS STRICTO SENSU DO BRASIL	
Rayane de Jesus Santos Melo Milena Ross do Nascimento da Silva Mary Cidia Monteiro Sousa Costa	
DOI 10.22533/at.ed.9951904023	
CAPÍTULO 4	37
A HISTÓRIA DA DISCIPLINA DE DIDÁTICA NO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO “DR. CARDOSO DE ALMEIDA” – BOTUCATU-SP (1953-1975).	
Laiene Okimura Kadena Leonardo Marques Tezza Rosane Michelli de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.9951904024	
CAPÍTULO 5	49
ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Maria Letícia Cautela de Almeida Machado Paula da Silva Vidal Cid Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9951904025	
CAPÍTULO 6	64
A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DO CEARÁ: HISTÓRIA, MEMÓRIA E FOTOGRAFIA	
Antonia de Abreu Sousa Elenilce Gomes de Oliveira Maria das Dores Viterbo Pereira Rhayane Hetley Santos de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9951904026	
CAPÍTULO 7	74
A PRÁTICA DIDÁTICA E PEDAGÓGICA DIANTE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL	
Nadja Regina Sousa Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.9951904027	

CAPÍTULO 8	80
FORMAÇÃO DE PROFESSORAS E ENSINO RELIGIOSO: ESCOLARIZAÇÃO FEMININA NA ESCOLA NORMAL RURAL NOSSA SENHORA AUXILIADORA	
Fernanda Batista do Prado Nilce Vieira Campos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.9951904028	
CAPÍTULO 9	92
FORMAÇÃO DOCENTE: SABERES E DILEMAS	
Daniela Fernandes Rodrigues Farbênia Kátia Santos de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.9951904029	
CAPÍTULO 10	102
PROFESSORES INICIANTES E SUA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA ATUAÇÃO NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO DE UMA ESCOLA EM TEMPO INTEGRAL DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE CAMPO GRANDE - MS	
Pabliane Lemes Macena Novais Cristiane Portela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.99519040210	
CAPÍTULO 11	115
A CRIAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO TECNOLÓGICO E O DESAFIO ÀS DEMANDAS DE FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS NO AMAZONAS	
Maria do Carmo Ferreira de Andrade Ana Cláudia Ribeiro de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.99519040211	
CAPÍTULO 12	126
TECNOLOGIA E PEDAGOGIA NO ENSINO A DISTÂNCIA DE ENGENHARIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE SUCESSO	
Manuel Gradim de Oliveira Gericota André Vaz da Silva Fidalgo Paulo Alexandre Duarte Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.99519040212	
CAPÍTULO 13	135
A IMPORTÂNCIA DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO APOIO PEDAGÓGICO AOS PROFESSORES	
Ricardo Rafaell da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.99519040213	
CAPÍTULO 14	140
TECNOLOGIA NA SALA DE AULA: CONHECENDO OS ENTRAVES	
Mônica Izilda da Silva Adriana Vaz Eféisio Emanuel Marianna Centeno Martins de Gouvêa	
DOI 10.22533/at.ed.99519040214	

CAPÍTULO 15 147

TECNOLOGIA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Priscilla Aparecida Santana Bittencourt
João Pedro Albino

DOI 10.22533/at.ed.99519040215

CAPÍTULO 16 152

O USO DE VIDEOAULAS COMO FERRAMENTA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM EM QUÍMICA

Cezar Nonato Bezerra Candeias
Luis Henrique Pereira de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.99519040216

CAPÍTULO 17 162

ADAPTAÇÕES NO USO DOS JOGOS DIDÁTICOS DO PACTO NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA EM TURMAS DE 1º E 2º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO MUNICIPAL DE FORTALEZA

Eliziete Nascimento de Menezes

DOI 10.22533/at.ed.99519040217

CAPÍTULO 18 169

ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL NA CONSTRUÇÃO DO CIDADÃO DIGITAL: UMA PERCEPÇÃO DA FORMAÇÃO SOCIAL

Valéria Pinto Freire
Daniel Bramo Nascimento de Carvalho
Luciano Matos Nobre

DOI 10.22533/at.ed.99519040218

CAPÍTULO 19 191

ABORDAGEM METODOLÓGICA DE CHARGES EM LÍNGUA INGLESA EM SALA DE AULA

Ana Kécia da Silva Costa

DOI 10.22533/at.ed.99519040219

CAPÍTULO 20 197

RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE UM ESTÁGIO EM PSICOPEDAGOGIA: AS DIFICULDADES DE SE TRABALHAR A EDUCAÇÃO SEXUAL NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

Solange Aparecida de Souza Monteiro
Gabriella Rossetti Ferreira
Paulo Rennes de Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.99519040220

CAPÍTULO 21 208

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E O ENSINO TÉCNICO: OLHARES, QUESTIONAMENTOS E CAMINHOS

Denise de Almeida Ostler
Eduardo Calsan

DOI 10.22533/at.ed.99519040221

CAPÍTULO 22 216

INTERDISCIPLINARIDADE E INTERPROFISSIONALIDADE NO MESTRADO PROFISSIONAL: CONCEITOS, PRÁTICAS E CAPACIDADES DESENVOLVIDAS SEGUNDO OS MESTRANDOS

Adilene Gonçalves Quaresma

Ari Silva Gobira

Eva Prado

DOI 10.22533/at.ed.99519040222

CAPÍTULO 23 230

LÍNGUA OU LÍNGUAS PORTUGUESAS? A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO NOS PAÍSES LUSÓFONOS

Alexandre António Timbane

Zacarias Alberto Sozinho Quiraque

DOI 10.22533/at.ed.99519040223

CAPÍTULO 24 251

O ENSINO DE QUÍMICA NO 9º ANO DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE JOÃO PESSOA SOB A ÓTICA DISCENTE

Amílcar Célio França Pessoa

DOI 10.22533/at.ed.99519040224

CAPÍTULO 25 263

UMA VIVÊNCIA INTERDISCIPLINAR DA HISTÓRIA DO BRASIL ATRAVÉS DO RAP E DA POESIA.

Andrey Soares Pinto

Mariana Aragão de Macêdo

Jéssica Laine Ramos Tavares

DOI 10.22533/at.ed.99519040225

CAPÍTULO 26 268

EDUCAÇÃO EMANCIPADORA X EVASÃO ESCOLAR: entre o utopismo dialético e a distopia atual

Sandro José Costa Rebouças

Catarina Angélica Antunes da Silva

Bruno Chagas Carneiro

Gilson de Sousa Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.99519040226

CAPÍTULO 27 276

AÇÃO EDUCATIVA E REFORMADORA EM PORTUGAL: A PEDAGOGIA DE DOM FREI MANUEL DO CENÁCULO

Cássia Regina Dias Pereira

DOI 10.22533/at.ed.99519040227

CAPÍTULO 28 290

APRENDIZAGEM: COMO EDUCADORA E EDUCADOR SOCIAL, O QUE É FUNDAMENTAL SABER SOBRE O TEMA?

Juliana dos Santos Rocha

Marlise Silva Lemos

Tamires Pinto Alves

DOI 10.22533/at.ed.99519040228

CAPÍTULO 29 302

ENSINO DE BIOLOGIA CELULAR NO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA UTILIZADOS EM CATALÃO, GOIÁS

Suelen Oliveira
Ana Flávia Vigário

DOI 10.22533/at.ed.99519040229

CAPÍTULO 30 314

REFLEXÕES SOBRE ÉTICA NAS PRÁTICAS ESCOLARES DO ENSINO BÁSICO CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA “PARA/COM” CRIANÇAS

Natalia Barboza Netto

DOI 10.22533/at.ed.99519040230

CAPÍTULO 31 325

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE AS POLITICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE PARA A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: 2013 - 2016

Maria Judivanda da Cunha
Bernardino Galdino de Senna
Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares
Fábio Alexandre Araujo dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.99519040231

CAPÍTULO 32 333

GÊNERO TEXTUAL ORAL DA ESFERA RELIGIOSA: ESTUDO DA PREGAÇÃO

Angélica Prestes Rosas
Letícia Jovelina Storto
Solange Aparecida de Souza Monteiro
Paulo Rennes Marçal Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.99519040232

CAPÍTULO 33 342

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DIGITAL DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS NO PROJETO ESCOLA LABORATÓRIO: DIALÓGOS E APROPRIAÇÕES MEDIADOS PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Mayara Broxado Dias
Marise Marçalina de Castro Silva Rosa
Ilana Fernandes da Silva
Natalia Ribeiro Ferreira
Cláudia Andréia dos Santos Cardoso
Vandercléia de Jesus Sousa Martins
Dinair da Silva Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.99519040233

CAPÍTULO 34 349

EDUCAÇÃO CONTINUADA COMO ESTRATÉGIA PARA O APERFEIÇOAMENTO DOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE

Herika Paiva Pontes
Luana de Sousa Oliveira
Rafaela Lima Nascimento
Maria Helena de Agrela Gonçalves Jardim
Geraldo Bezerra da Silva Júnior
Mirna Albuquerque Frota

DOI 10.22533/at.ed.99519040234

CAPÍTULO 35 357

ENSINO APRENDIZAGEM DE FUNÇÃO ATRAVÉS DA METODOLOGIA DE RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS E REPRESENTAÇÕES MÚLTIPLAS

[Jefferson Dagmar Pessoa Brandão](#)

DOI 10.22533/at.ed.99519040235

CAPÍTULO 36 367

UM ESTUDO SOBRE O MATERIAL APOSTILADO NO ENSINO FUNDAMENTAL: NA VISÃO DOS ALUNOS

[Sônia Aparecida Siquelli](#)

[Carlos Eduardo Negrão](#)

DOI 10.22533/at.ed.99519040236

CAPÍTULO 37 376

“EU TROPEÇO, MAS NÃO DESISTO”: CONDIÇÕES MATERIAIS E IMATERIAIS QUE JUSTIFICAM A PERMANÊNCIA DE PROFESSORES DE REDES PÚBLICAS E PRIVADAS NA PROFISSÃO

[Rodnei Pereira](#)

[Luciana Andréa Afonso Sigalla](#)

[Lisandra Marisa Príncipe](#)

DOI 10.22533/at.ed.99519040237

SOBRE A ORGANIZADORA..... 388

GÊNERO TEXTUAL ORAL DA ESFERA RELIGIOSA: ESTUDO DA PREGAÇÃO

Angélica Prestes Rosas

Graduada em Letras pela Estadual do Norte do Paraná (UENP), Cornélio Procópio, Paraná.

Leticia Jovelina Storto

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Centro de Letras, Comunicação e Artes, Cornélio Procópio, Paraná.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Instituto Federal de São Paulo (IFSP), Araraquara, São Paulo.

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) Araraquara, São Paulo.

RESUMO: O tema desta pesquisa é a língua falada na pregação. O objetivo é analisar os aspectos típicos da fala presentes nesse gênero discursivo da esfera religiosa. O método empregado é o empírico-indutivo e a análise dialógica do discurso. Como corpus de pesquisa, foram estudadas três pregações coletadas na página eletrônica do YouTube. As produções são do Pastor Edir Macedo (total de horas 01h06min:45s), “Santo Culto 900 horas, Bispo Macedo 12/05/2013”, do Pastor Silas Malafaia (total de horas 00h55min:13s), a “A questão do pecado”, e do Pastor Valdemiro Santiago (total de horas 00h44min:05s), “Pregação apostolo Valdemiro Santiago O amor aos irmãos e o ódio ao mundo”. O aporte teórico empregado

é o da Análise da Conversação. São utilizados estudiosos como Preti (1997), Heine (2012), Storto (2015), Galembeck (2009a, 2009b) e Rodrigues (1997). As análises evidenciam que as pregações são, de fato, textos pertencentes à modalidade da língua falada, já que se realizam oralmente, apresentam um espaço temporal compartilhado com os interlocutores, com os quais se busca um envolvimento, além de haver planejamento local linguístico-discursivo.

PALAVRA-CHAVE: Língua Falada. Discurso Religioso. Pregação.

ABSTRACT: The theme of this research is the spoken language in preaching. Therefore, its goal is to analyze the typical aspects of speech presented in this kind of text of the religious sphere. The method used is the inductive-empirical content analysis. As the research corpus it was studied three preachings collected on the in YouTube. The productions are from the pastor Edir Macedo (duration 1:06:45s), “Santo Culto 900 horas, Bispo Macedo 12/05/2013”; the pastor. Silas Malafaia (duration 12:55 am: 13s), “A questão do pecado”, and the pastor Valdemiro Santiago (dutarion 12:44 am: 05s), “Pregação apóstolo Valdemiro Santiago “O amor aos irmãos e o ódio ao mundo”. The theoretical framework is the Conversation Analysis. Thus, it was used scholars as Preti (1999), Heine (2012), Storto (2015), Galembeck

(2009) and Rodrigues (1999). The analysis show that the preachings are, in fact, texts belonging to the spoken language, considering that they are produced orally and present a space time shared with the interlocutors, besides their local, linguistic and discursive planning.

KEYWORD: Spoken Language. Religious Discourse. Preaching.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O gênero discursivo oral pregação é utilizada na esfera religiosa, principalmente na evangélica, para passar a mensagem de Deus aos fiéis, em que geralmente há como locutor um pastor, considerado o representante Deus na Terra. Como porta-voz de tal divindade, o pastor cria performances e interpretações dos textos bíblicos com a finalidade de persuadir e, por conseguinte, evangelizar aos que buscam conversão e alimentar espiritualmente os já convertidos (STORTO, 2015). Na pregação, segundo Storto (2015), o que une os seus participantes é a fé, pois todos os integrantes compartilham da mesma crença e, por esse motivo, acabam interagindo. Para tanto, o gênero discursivo apresenta características da língua falada, como marcadores conversacionais, repetições, paráfrases, entre outras particularidades.

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as marcas da língua falada presentes no gênero oral pregação. Recorre-se aos aportes teórico-metodológicos da Análise da Conversação. O método empregado nesta pesquisa é o empírico-indutivo (GALEMBECK, 1999), já que os textos analisados são retirados de situações reais de interação. Além disso, as conclusões derivam da observação das ocorrências, examinadas mediante uma perspectiva dialógica do discurso.

2 | DISCUSSÃO TEÓRICO-ANALÍTICA

Galembeck (2009a) diferencia a língua falada (LF) da língua escrita (LE). Para esse autor, as unidades da língua escrita, frases e os parágrafos, não são empregados na língua falada, pois na LF não se encontram limites claros e definidos, já que não ocorrem com frequência as estruturas de acordo com os esquemas sintáticos canônicos típicos da LE padrão. Segundo o pesquisador,

[...] há que se considerar, na definição das unidades de fala, a presença de fenômenos característicos da elocução formal espontânea (pausas, truncamentos, alongamentos). Finalmente, não existe, na fala, a disposição visual característica escrita, na qual os parágrafos são geralmente indicados por um adentramento (alínea) e as frases têm o início assinalado por letra minúscula e o término mais frequentemente por ponto final. (GALEMBECK, 2009a, p. 6).

Heine (2012) define texto oral como uma produção linguístico-semiótica, pois é preciso desviar-se da dicotomia entre os elementos paralinguísticos (elementos não verbais de comunicação) e elementos linguísticos (código linguístico). Dessa forma, o texto oral não é formado somente por códigos linguísticos, mas é também constituído

a partir de estratégias específicas, como hesitações, interrupções, correções, processamento textual, repetições, digressões, meneios de cabeça etc.

Corroborando essa perspectiva, Rodrigues (1997) afirma que a LF apresenta três aspectos que possibilitam esclarecer sua existência e caracterização. Primeiramente, a fala não apresenta um planejamento antecipado, porém há a existência de um planejamento local. Em seguida, na fala, há presença de um espaço e/ou tempo comum partilhado entre os interactantes. Por fim, nela, o envolvimento dos participantes entre si e com o tema da conversação é fundamental. Portanto, essas três características (planejamento local, espaço/tempo compartilhado e envolvimento) funcionam como uma oportunidade para que a produção da LF aconteça. Como consequência, a partir desses três elementos surgem os demais típicos da língua falada, como marcadores conversacionais, o monitoramento da interação, paráfrase, truncamentos, correções e outros.

Além disso, a língua falada é realizada socialmente, por meio de uma interação em que existem pelo menos dois participantes; assim, os dois interactantes participam do planejamento do texto conversacional. Portanto, a LF é uma atividade momentânea, que se difere da escrita, pois não existe a possibilidade de reescrever o que foi dito.

Segundo Chafe (1979 apud RODRIGUES, 1997, p.21), a fala ocorre aos borbotões, ou seja, “unidades de idéias, ou significativas, com um contorno entonacional típico, e limitada por pausas” e a passagem de uma unidade para outra se dá de maneira rápida, tornando o processo de fala mais veloz que o da escrita (CHAFE, 1979 apud RODRIGUES, 1997). Desse modo, a fala é

[...] entremeada de muitas pausas e alongamentos típicos da língua falada, que vão lhe dando tempo para organizar seu texto. Este, por sua vez, mostra-se fragmentado em termos sintáticos, pois frases são cortadas, ou as ideias são retomadas em frases estruturadas de uma maneira diferente daquele com que se anunciava. Percebe-se ruptura da construção (anacoluto) na medida em que a frase se desvia de sua trajetória, tomando outra direção sintática. [...] Além de rupturas, são frequentes as repetições de palavras e frases. (CHAFE, 1979, apud RODRIGUES, 1997, p.21).

Diante disso, podemos notar esses elementos (alongamentos, pausas, repetições, rupturas e outros) da LF presentes em pregações.

Excerto 1

EDM.: *VEM... à medida... que nós manifestamos a fé... então nós... nós bispos... temos que ter fé pra pedir... pra que você tenha fé pra dar... pra que você tenha fé pra?... receber... é um processo... a construção do templo... então... é importante que você tenha essa visão... de valores para que você saiba... como nós... estamos... sacrificando nós to::dos estamos sacrificando... número cento e oitenta então vamos no nosso hinário “A cidade... santa... dormindo no meu leito”... vamo lá... ((música começa a ser cantada)) rompeu a voz dos anjos... ah... tem que cantar de pé vamo lá... “Jerusalém... canta santa...”*

Pr.: Edir Macedo – Pregação 04 - L. 30-36

No excerto, são notadas pausas (marcadas pelas reticências), as quais são consequência do processo de construção do texto falado, assim como as repetições

“então **nós... nós bispos...**”; “**pra que você tenha fé pra dar... pra que você tenha fé pra?...**”), o alongamento (“**nós to::dos estamos sacrificando...**”), a invocação ao ouvinte (“[você] **tem que cantar de pé vamo lá** [nós]...”). outras ocorrências são: elevação do tom de voz, representada por caixa alta (“**VEM...** à medida...”), marcadores discursivos (“ah”, “então”) e a menor ocorrência de conectivos. Tais marcas são resultado direto da construção discursiva da língua falada, a qual à mostra seu processo de constituição.

Na LF, o planejamento e a realização verbal, segundo Rodrigues (1997), ocorrem de maneira simultânea ou praticamente simultânea, pois deixam clara a sua marca de organização, como se percebe no exemplo do excerto 1. Isso acontece porque o discurso, e não a sintaxe, é o responsável pela junção desses elementos no texto oral, no qual existe uma superioridade da coordenação sobre a subordinação (CAMPOS, 1989), especialmente a coordenação assindética.

Assim sendo, ocorre a pouca utilização de orações adjetivas e a ausência de ligação entre os elementos da oração, visto que isso acontece pela maneira com que o falante, no uso da fala, aplica os meios linguístico-discursivos e gramaticais disponíveis na língua.

Storto (2015) ressalta que, na pregação, sempre há a presença de um tema, a palavra de Deus, ou seja, ocorre um planejamento temático em que também podem ser pensados seus principais subtópicos. Isso é, normalmente acontece um planejamento na pregação, porém enquanto o pastor prega, ele está sujeito a interrupções ou reformulações do que havia sido pronunciado, como é o caso dos truncamentos, da paráfrase. Assim, a organização linguístico-discursiva na pregação é elaborada no momento da interação, pois, se fosse o contrário, haveria uma situação de escrita oralizada, ou seja, de uma leitura de um texto em voz alta, o que não ocorre (STORTO, 2015).

O pastor faz uso de recursos como: alongamentos, repetições, truncamentos ou rupturas para facilitar a coesão e a coerência do texto falado religioso e ajudar no entendimento dos seus fiéis com aquilo que está sendo pronunciado. Cabe ainda enfatizar que, para Galembek (2009b), o truncamento/ruptura está relacionado a uma procura pela reformulação discursiva. Como se pode perceber no exemplo a seguir:

Excerto 2

SML.: ((fiéis))... ((palmas))... quatro... “Deus tem meios pastor?... Deus tem meios pastor?... claro que tem... sabe qual é que ele usa?... eu não quero **us/...** que () mas ele usa... lutas e adversidades... huhuhu ((gutural))

Pr.: Silas Malafaia – Pregação 06- L. 121-123

Nesse exemplo, o truncamento em “eu não quero **us/...** que” ressalta o planejamento do discurso, ou seja, é uma marca da procura do locutor pelo melhor enunciado, o que leva a uma reformulação do que seria dito. Isso se deve ao fato de que, em contextos orais, os falantes controlam a utilização linguística conforme o ouvinte

e a situação sócio-discursiva, pois podendo omitir formas linguísticas ao notarmos a incompreensão do que foi pronunciado e, dessa maneira, mudar a estrutura frásica no momento de sua formação ou acrescentar informações adicionais e subsidiárias quando for necessário. Para isso, o falante pode recorrer a correções, paráfrases ou repetições. No excerto 2, vê-se um exemplo de correção, a qual, consoante Barros (1997), é uma reelaboração do discurso que tem a intenção de corrigir uma falha, uma colocação inapropriada do falante, o qual deseja modificá-la. Por esse motivo, a correção demonstra a momentaneidade da pregação, ou seja, é planejada no ato da fala.

Outra marca da LF muito presente na pregação é a repetição. Uma das consequências da presença de repetições em textos orais é a denúncia da simultaneidade do planejamento e da realização do texto falado, de modo a funcionar, portanto, como um dos recursos de coesão referencial. Com isso, esse elemento coopera com a coerência textual, proporcionando a inteligibilidade e auxiliando na organização argumentativa do discurso. Diante disso, a repetição vai além de uma das características básicas da língua falada, ela representa uma das estratégias de formulação textual mais presentes na oralidade, atuando em diversas funções, textuais e interacionais (STORTO, 2015). Além disso, esse recurso colabora para a organização tópica e facilita as atividades interativas. Dessa maneira, seu uso deixa o texto falado menos denso e, por essa razão, fornece maior clareza ao interlocutor, tornando acessível o entendimento pela desaceleração do ritmo da fala (STORTO, 2015).

No excerto que segue, notam-se as repetições dos numerais e de outros termos. Nesse caso, além de amarrar o texto e facilitar a compreensão dos fiéis, as repetições também funcionam para salientar algo que está sendo dito, colaborando, assim, para simplificar o trabalho da produção discursiva.

Excerto 3

EDM.: já foram construídos cinquenta e cinco por cento faltam **quarenta e cinco por cento...** mas esses **quarenta e cinco por cento...** que faltam... vale mais do que... não digo **o dobro** mas... é quase que **o dobro que nós já pagamos...** *qua::se que* **o dobro que nós já pagamos...** *quer dizer...* **os quarenta e cinco por cento...** na realidade... é mais ou menos... **uns oitenta por cento...** *oitenta por cento...* *quer dizer...* a bem da verdade falta **oitenta por cento...** em termos econômicos...

Pr.: Edir Macedo – Pregação 04 - L. 17-22

Outro aspecto da repetição em pregações, para Storto (2015), é o papel de introduzir os interlocutores quando forem requeridos pelo falante. Por meio da repetição, eles demonstram sua atenção e participação.

No ato da pregação, o pastor utiliza meios para facilitar a compreensão dos seus fiéis, um desses elementos é a paráfrase. Segundo Galembek (2009a, 2009b), a paráfrase tem como objetivo esclarecer e explicar; além do mais, contribui para a criação do contexto comum partilhado pelos interlocutores. Hilgert (1997) aponta

que, na paráfrase, um enunciado anterior é retomado em um seguinte com algumas modificações (semânticas ou distribucionais). A paráfrase é, portanto, uma atividade de reformulação.

Dessa maneira, em seu discurso, o pastor mescla partes de textos bíblicos com suas interpretações baseadas nele, como se percebe na pregação de Pastor Silas Malafaia:

Excerto 4

SMA.: eu quero ler um trecho da Bíblia... no livro de Provérbios... capítulo vinte e oito versículo treze... “o que ENCOBRE as suas transgressões... NUNCA... prosperará... mas o que as CONFESSA... e DEIXA... alcançará misericórdia”... vou repetir o texto... “o que ENCOBRE as suas TRANSGRESSÕES... NUNCA... prosperará... mas o que as CONFESSA... e deixa... alcançará... mi-se-ri-cór-dia”... **a primeira colocação... que a gente faz... ninguém é obrigado a entender definições teológicas... que é o pecado?... errar o alvo... transgredir a Lei de Deus... de obedecer à Deus... uma definição SIMPLES... que todo mundo pode entender... sobre o que é o pecado...**

Pr.: Silas Malafaia – Pregação 06- L. 9-15

Nas pregações analisadas, os textos bíblicos são retomados e reformulados discursivamente, de modo a se atualizar e, muitas vezes, simplificar a linguagem, a fim de facilitar a compreensão dos interlocutores. Dessa forma, o pregador utiliza-se da paráfrase com a finalidade de auxiliar o entendimento dos fiéis a respeito da palavra de Deus.

Para que a pregação ocorra, é preciso que haja uma interação social, por essa razão, é necessário o envolvimento entre os participantes (STORTO, 2015). Heine (2012) aponta que, para se manifestar o envolvimento de forma produtiva, é necessária a ocorrência dos pronomes pessoais “eu”, “me”, “nós”, “a gente”, “tu”, “você” etc. Na pregação a seguir, o pastor emprega pronomes de 1ª pessoa do singular (eu) e 2ª pessoa do singular (você) para marcar as pessoas do discurso:

Excerto 5

EDM.: ... **EU**... estou cansada... cansado... de sofrer... de chorar... **eu** não tenho tido prazer de viver... **eu** quero mudar”... e **você** diz “óh meu Deus que que eu tenho que fazer?”... então se **você** é essa pessoa... desesperada... por saber da solu/... de como **você** vai proceder... e... e se encaixa nessa palavra... **você** sabe o que tem que fazer sim ou não?...

FIÉIS.: sim...

EDM.: então se **você** quer... oferecer sua vida no altar... dar a sua vida no altar... se **você** quer... começar a partir de agora... a plantar o que é bom... deixar a vida errada... para trás e começar uma vida nova a partir de agora... é sacrifício... é muito sacrifício... porque **você** vai ter que deixar... os seus prazeres... ilusórios... **você** vai ter que deixar o... mas... **eu** pergunto os prazeres que **você** tem... na cama com várias mulheres ou com vários homens ou seja lá como for...

Pr.: Edir Macedo – Pregação 04 - L. 247-257

Nesse caso, quando o pastor utiliza esses pronomes (“eu”, “você”), ele tenta manter uma relação de proximidade com o fiel, para que esse se sinta confortável e

parte daquele grupo, além, é claro, de tentar persuadi-lo. O emprego do pronome de referência ao interlocutor, no caso o “você”, insere o ouvinte no discurso de modo mais chamativo e atraente, colaborando para a persuasão discursiva.

Segundo Rodrigues (1997), perguntas e respostas também estabelecem marcas do envolvimento dos falantes, ou mais que isso, são uma das formas do mecanismo típico da construção do texto conversacional. Verificou-se que as perguntas e respostas são frequentes na pregação e, por conseguinte, mais uma marca de envolvimento entre os interlocutores, como se pode notar a seguir:

Excerto 6

VAL.: *o que você passou não mas o que Jesus passou por sua causa eu sei... o que Jesus passou por minha causa eu sei também... e isso é suficiente... lembra daquela parábola?... o credor... incompassivo?... você lembra... lá na... (Carneiro Leão) lembra da mensagem?... o credor incompassivo... que não tinha compaixão... **cê sabe o que ele fez?**... ele... o credor...*

Pr.: Valdemiro Santiago – Pregação 08- L. 52-56

No excerto 6, o pastor Valdemiro Santiago interage com os fiéis para que tenham a sensação de que a pregação é direcionada ao espectador/público e, assim, sintam-se inseridos e parte daquele meio. Porém, as perguntas realizadas são retóricas, pois não há uma troca de turno conversacional e não se objetiva que os fiéis de fato respondam ao que lhes é perguntado. Nesse caso, as perguntas servem também para chamar a atenção dos interlocutores, deixá-los interessados. Para Storto (2015), essas perguntas são realizadas de maneira incisiva, com a finalidade de conduzir o fiel a concordar com o falante.

Na pregação, os ouvintes, geralmente, são submissos ao que o pastor lhe fala, por esse ser considerado o representante de Deus e, por conseguinte, exercer autoridade sobre os demais. Desse modo, é o pastor quem conduz a interação. Entretanto, os fiéis interagem com o seu falante para exultarem o que ele profere.

Em pregações, as funções de falante e ouvinte não se alternam; contudo, os fiéis nunca são somente um espectador, pois o pastor no ato da fala anseia ser ouvido e compreendido, para isso os fiéis devem participar da interação por meio de marcadores conversacionais (ex.: “amém” e “aleluia”), com acenos, meneios de cabeça e outros. Ainda cabe ao ouvinte saber monitorar o tópico, com o objetivo de manter a interação e a coerência.

Por isso, a pregação é uma interação assimétrica, já que possui um condutor, o pastor, e cabe a ele conduzir o tópico discursivo e o ouvinte, no caso os fiéis, os quais só contribuem com participações episódicas ou secundárias (PRETI, 1997), como mostra o caso a seguir, em que o pastor Edir Macedo interage com os fiéis, os quais lhe respondem por meio do marcador conversacional “amém”:

Excerto 7

EDM.: *deixe-me falar pra vocês umas coisa... tã::o certo como Deus existe... tã::o certo como Deus*

existe... SE... você... tem... determinado isso de todo o seu coração de mudar a sua vida a partir de agora.. a partir de agora sua vida já está transformada... ((fiéis))... agora é se é hipocrisia a sua vinda aqui à frente... então... saiba de antemão... profeticamente... não vai acontecer nada... mas profeticamente se é sincera a sua entrega... profeticamente você está abençoado... porque... os nossos pecados... são perdoados todas as vezes... que nós... com sinceridade... falamos com Jesus... amém?...

FIÉIS.: amém...

EDM.: *entendeu o que estou falando?... cê não precisa pagar promessa... você não deve mais NADA ao Diabo... cê tá livre... porque Jesus pagou... os seus pecados... e apagou... de todo... de toda sua vida... o que passou passou... e a partir de agora... tudo começa novo... amém?*

FIÉIS.: amém...

Pr.: Edir Macedo – Pregação 04 - L. 305-316

No excerto acima, o pastor ao utilizar o “amém” tem como objetivo o monitoramento da fala. Storto (2015) aponta que na pregação são empregados marcadores prototípicos, isto é, reconhecidos como próprios desse discurso, pois de acordo com o uso desses marcadores, o falante avalia a atenção e o interesse de seu público. Exemplos desses marcadores são “amém”, “glória” e “aleluia”, os quais, quando empregados, sofrem algumas ramificações. Por exemplo: Glória a Deus, Glória ao Pai, Glória ao Senhor, Glória ao Espírito Santo, aleluia Senhor e em nome de Jesus, misericórdia (STORTO, 2015). Todavia esse último é apenas utilizado quando o fiel possui alguma dúvida, principalmente na procura por textos bíblicos (STORTO, 2015).

Em síntese, por todas as peculiaridades apresentadas, a pregação manifesta-se como uma interação assimétrica. Ela evidencia um planejamento temático, mas com planejamento discursivo local, o que deixa marcas, tais como repetições, pausas, alongamentos, entre outros. O discurso religioso analisado busca prender a atenção do auditório, empregando, para isso, recursos variados, como paráfrases de textos bíblicos e uso de marcadores. Por fim, todos os aspectos demonstrados acima são típicos da língua falada. Desse modo, a pregação se caracteriza como um gênero discursivo oral da esfera religiosa.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: a correção. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.129-156.

CAMPOS, Odette Gertrudes Luiza Altman de S. A língua falada: características gerais. *In*: IGNÁCIO, Sebastião Expedito (Org.). **Estudos gramaticais**: publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa, ano 3, n. 1. Araraquara, São Paulo: UNESP, 1989, p.202-216.

GALEMBECK, Paulo Tarso. **Língua falada**: processos de construção. 2009a. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xcnlf/2/07.htm>. Acesso em: jan. 2019.

GALEMBECK, Paulo Tarso. **Processos de construção de textos falados e escritos**. 2009b. Disponível em: http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_2/1565-1577.pdf. Acesso em: jan. 2019.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Metodologia de pesquisa em português falado. *In*: RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza et al. (Orgs.). **I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999, p.109-119.

HEINE, Lícia Maria Bahia. Aspectos da Língua falada. **Revista (Con)textos** Linguísticos. Vitória, v. 6, n.7, p.196-216, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/viewFile/4626/3590>. Acesso em: jan. 2019.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.103-127.

INTERAÇÃO ASSIMÉTRICA. *In*: PRETI, Dino. Glossário. *In*: PRETI, Dino. **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.232.

RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. Língua falada e língua escrita. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 3.ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1997, p.13-32.

STORTO, Letícia J. **Discurso religioso midiático**: argumentação e Língua Falada em pregações evangélicas. 2015. Orientador: Paulo de Tarso Galembeck. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-099-5

